

ÉTICA DA ALTERIDADE NA PERSPECTIVA DE LEONARDO BOFF

*Leandro Rodrigues de Oliveira*¹
orcid.org/0009-0002-7115-3381

RESUMO: O presente artigo trata de alguns pontos da reflexão da ética proposta por Leonardo Boff segundo a sua obra *Ética e Moral: a busca dos fundamentos*. Toma como ponto de partida a crise dos valores contemporânea a fim de analisar os limites desta crise e de como o autor propõe alternativas para superá-la. Este artigo não visa, entretanto, um esgotamento das discussões éticas deste autor. Longe disso, por meio de um estudo bibliográfico enfatizando a presente obra do autor, este texto busca suscitar pontos fundamentais de sua concepção da ética no debate contemporâneo, resgatando, a partir do sentido originário da compreensão do *ethos*, apontamentos para o que seria uma *ética da alteridade* como contraponto a atual crise dos valores.

PALAVRAS-CHAVE: Ética. Crise. *Ethos*. *Daimon*. Alteridade.

ETHICS OF ALTERITY FROM LEONARDO BOFF'S PERSPECTIVE

ABSTRACT: This article deals with some points of reflection on ethics proposed by Leonardo Boff according to his work *Ethics and Morals: the search for fundamentals*. It takes as a starting point the crisis of contemporary values in order to analyze the limits of this crisis and how the author proposes alternatives to overcome it. This article does not aim, however, at an exhaustion of this author's ethical discussions. Far from it, through a bibliographical study emphasizing the author's present work, this text seeks to raise fundamental points of one of his creation of ethics in the contemporary debate, rescuing, from the original meaning of the understanding of *ethos*, notes for what caused the ethics of otherness as a counterpoint to the current crisis of values.

KEYWORDS: Ethics. Crisis. *Ethos*. *Daimon*. Otherness.

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido por ocasião da *Semana Transdisciplinar* promovida pelo *Instituto de Ensino Superior Franciscano - IESF*, na qual apresentei um trabalho sobre uma concepção de ética da alteridade em Leonardo Boff a partir da compreensão de uma de suas importantes obras, a saber, *Ética e moral: a busca dos fundamentos*.

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos; Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí – UFPI; Professor de Filosofia pelo Estado de Maranhão e pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. E-mail: lrodrigueso@yahoo.com.br.

A ideia de alteridade, entretanto, não se encontra presente diretamente na obra de Leonardo Boff. Por isso, esclareço que a proposta aqui defendida é fruto de nossa interpretação acerca das reflexões do autor. Como se sabe, Leonardo Boff é um filósofo e teólogo brasileiro engajado nas questões éticas e sua obra desenvolve desde questões relacionadas à tradição moral cristã até mesmo perpassando por problemas relativos à crise ética contemporânea – tratando, inclusive, da ética do cuidado com o meio ambiente.

Para apresentar a temática central deste artigo, *Ética da alteridade na perspectiva de Leonardo Boff*, apresento os seguintes questionamentos introdutórios por meio do qual busco problematizar as ideias que aqui pretendo tratar: i) Como se delineia essa crise ética contemporânea segundo Boff? ii) Que propostas o autor sugere como tratamento para essa crise ética? iii) O que seria uma ética da alteridade para os tempos atuais pensada à luz do pensamento de Boff?

À luz destas questões, este trabalho foi pensando em três momentos. Inicia-se delineando os pontos centrais da crise ética contemporânea. Em seguida, por meio de um estudo genealógico, resgata o sentido originário do *ethos* na cultura *grega*, do qual deriva a noção de ética. Por fim, em terceiro, apresento minha perspectiva da alteridade.

1 – ÉTICA E A CRISE CONTEMPORÂNEA

No capítulo intitulado *Ética: a doença e seus remédios*, Boff (2011) alerta para a constatação indiscutível de uma aterradora crise ética e moral em todas as partes, atingindo o coração da humanidade e impactando decididamente a vida em sociedade que, aqui, eu delinheiro com as seguintes indagações provocativas: i) Quais valores são capazes de guiar a nossa vida? ii) Se não existisse um sentido para o mundo, uma finalidade, um propósito, uma razão de ser, e se não existissem fundamentos ou argumentos pelos quais o ser humano fosse capaz de direcionar a sua ação e conduta, afinal de contas, o que orientaria a nossa ação e o nosso viver? iii) Esse mundo, portanto, não seria um mundo sem sentido, desnordeado, nihilista, desencantado e sem esperança? iv) Até que ponto não nos caberia reinventar o sentido da vida?²

² Provocações filosóficas extraídas da palestra: *Um mundo sem sentido*, proferida pelo professor Dr. Leandro Chevitarese do Departamento de Filosofia da Universidade Rural do Rio de Janeiro, gravada em 3 de junho de 2011 no programa Café Filosófico da TV Cultura, disponível em: <www.cpflcultura.com.br>.

OLIVEIRA, L. R.

Pensar os desafios éticos do mundo contemporâneo talvez seja uma das maiores dificuldades para o início do terceiro milênio. Isso se explica pelo fato de vivermos em sociedades complexas e profundamente marcadas por problemas que assombram o viver comum da grande maioria das pessoas. Cotidianamente, deparamo-nos com manchetes sobre violência, incluindo violência física, intrafamiliar, moral, psicológica, sexual, sem falar nos constantes números de homicídios e outros tantos acontecimentos que nos fazem crer que vivemos em tempos difíceis e assustadores.

Contudo, os tempos não são apenas difíceis no que corresponde ao aumento exponencial da violência. São tempos difíceis também pelo agravamento das desigualdades sociais que gera o problema da pobreza e da fome, pela deterioração de nosso sistema ecológico, pelas relações confusas que constituem um mundo globalizado e individualista, pelos limites das redes sociais e dos veículos de comunicação em massa, pela ditadura do prazer regida pelo consumismo desenfreado da idolatria do mercado, entre outros.

Dentre esses problemas, menciono, ainda, questões diversas como: as discussões sobre justiça social tanto no âmbito nacional quanto no mundial; as políticas relativas aos direitos dos grupos particulares ou marginalizados; questões acerca das leis da imigração, dos asilos para idosos e dos direitos dos estrangeiros; a permissão ou não permissão da eutanásia; os direitos dos animais; os avanços da ciência e da tecnologia, entre outras que, efetivamente, assolam o mundo de hoje (OLIVEIRA, 2015, p. 15).

Não menos importante, e talvez o que mais impacta nossas sociedades do ponto de vista ético, são os desafios da tecnociência. A ética enfrenta diversos desafios diante do avanço da tecnociência, que é a interseção entre a tecnologia e a ciência. Esses desafios envolvem questões éticas complexas que surgem a partir do desenvolvimento e da aplicação de novas tecnologias em áreas como biotecnologia, inteligência artificial, genética, nanotecnologia e outras.

Um dos principais desafios é garantir que o progresso tecnocientífico ocorra de forma ética, levando em consideração seus impactos nas pessoas, no meio ambiente e na sociedade como um todo. A rápida evolução tecnológica muitas vezes supera a capacidade da sociedade de compreender e regular adequadamente suas implicações éticas, o que pode resultar em consequências negativas.

Outro desafio é o equilíbrio entre benefícios e riscos. Embora a tecnociência possa trazer avanços significativos para a humanidade, como o tratamento de doenças, o aumento da eficiência e a melhoria da qualidade de vida, também pode gerar riscos e dilemas éticos. Por

OLIVEIRA, L. R.

exemplo, questões sobre privacidade, segurança, desigualdade, manipulação genética, impactos ambientais e o uso adequado da inteligência artificial. Além disso, a tecnociência apresenta desafios éticos relacionados a responsabilidade e à prestação de contas. Quem é responsável pelos efeitos indesejáveis das tecnologias? Como garantir a transparência e a responsabilidade dos desenvolvedores e usuários? Como evitar que a tecnologia seja utilizada de forma prejudicial ou discriminatória? Também é importante considerar os desafios éticos em relação a equidade e à justiça social. O acesso igualitário às tecnologias, a distribuição justa dos benefícios e a prevenção de aprofundamento das desigualdades são questões fundamentais que a ética precisa abordar nesse contexto.

Diante desses desafios, a ética na tecnociência deve buscar a reflexão crítica, o diálogo interdisciplinar e a participação pública. É necessário estabelecer marcos regulatórios adequados, promover a educação ética, fomentar a pesquisa responsável e envolver a sociedade como um todo na tomada de decisões sobre o desenvolvimento e a aplicação da tecnologia.

Em resumo, os desafios éticos da tecnociência envolvem equilibrar benefícios e riscos, garantir responsabilidade e prestação de contas, promover equidade e justiça social, além de buscar a participação pública e o diálogo crítico. A ética desempenha um papel fundamental na orientação e na regulamentação do avanço tecnocientífico, visando o bem-estar humano, a sustentabilidade e o respeito aos valores éticos fundamentais. Diante disso, no cenário atual é sentido a urgência de encontrar pontos comuns que orientem algumas práticas salvadoras. Quando o ser humano mergulha em crises que afetam as razões de viverem juntos e o sentido derradeiro da vida, então é tempo de parar um pouco e refletir sobre os fundamentos da ética. Este é o sentido primordial que Boff nos convida a refletir. Em suas palavras: “reside no propósito de fazer pensar, de convidar os leitores e as leitoras a se inquietarem e, com a inquietação, se mobilizarem em busca de um paradigma ético e moral à altura dos desafios que experimentamos” (BOFF, 2011, p. 11).

2 – DA GENEALOGIA DO *ETHOS*

Tendo situado alguns aspectos da crise ética contemporânea, analisarei como Boff propõe alternativas para ela. Didaticamente, dividi esta análise em três momentos: no primeiro momento farei um resgate, pelo método genealógico, do sentido originário da ética por meio da raiz semântica dos termos *ethos* e *daimon*; no segundo momento, exporei como Boff converte

OLIVEIRA, L. R.

o sentido originário do *ethos* em alternativas para fundamentar uma nova perspectiva da ética para a sociedade contemporânea; enfim, no último momento, demonstrarei o que seria uma ética da alteridade na perspectiva de estudo deste autor.

Do ponto de vista genealógico, o autor busca na raiz dos termos *ethos* e *daimon* a fonte do sentido e significado originário da ética. Enquanto o *ethos* representa a “morada humana”, o *daimon* refere-se ao “anjo bom” ou ao “anjo protetor”. Esses significados escondem a chave da construção da ética, por um lado, como um conjunto das regras que o ser humano estabelece com o seu meio natural para que se torne a sua morada e, por outro lado, para que os indivíduos, que convivem nesta morada, sejam cooperativos e pacíficos uns para com os outros (BOFF, 2011).

Esse *ethos*/morada não se constitui simplesmente pela dimensão física da casa, como as paredes e o teto, mas, trata-se, sobretudo, da visão interna da moradia, na qual está o sentido existencial para o ser humano, isto é, a experiência originária onde se encontra o conjunto das relações que o ser humano estabelece no seu ambiente natural, separando um pedaço dele para que seja sua morada com os que habitam na morada – como um cantinho sagrado, onde se constrói e se guarda memórias queridas. O *ethos*, neste sentido, trata-se, assim, de um modo de ser das coisas e das pessoas que são constituídas a partir das relações humanas dentro do seu habitat natural (Ibidem).

Já o *daimon*, em grego clássico, não é o “demônio”, é o “anjo bom”, o gênio protetor que seria a voz profética dentro de cada indivíduo, proveniente de um poder superior como o sinal de Deus. Trata-se da voz da interioridade, aquele conselheiro da consciência que dissuade ou estimula; aquele sentimento conveniente e do justo nas palavras e nos atos que se anuncia em todas as circunstâncias da vida, sejam elas pequenas ou grandes. O *daimon* seria, assim, a própria consciência que os indivíduos vão formando interiormente a partir das relações com os outros indivíduos, com o ambiente em que vive.

Mas, qual seria a relação entre *ethos* e *daimon*? Segundo Boff (2011), *ethos* e *daimon* desenvolvem uma relação muito profunda. A morada acaba sendo a ética que devemos ter e o *daimon* é o anjo bom que instiga a consciência sobre o que é o justo e o bom para cada situação que enfrentamos nas relações em nossa moradia. Nas palavras de Boff: “esse anjo bom faz com que moremos bem na casa que pode ser a individual, a cidade, o país e o planeta Terra, Casa Comum. Tudo que fizermos para que se more bem juntos (sermos felizes) é ético e bom, o contrário é antiético e mau” (2011, p. 35).

Apesar da relevância que o *daimon* exerceu na formação originária da ética no mundo grego, no decorrer da história do pensamento filosófico ele foi sendo esquecido e dando lugar aos chamados sistemas éticos, principalmente a partir de pensadores como Platão, Aristóteles e Kant, que são referências no estudo da ética. O grande problema é que os sistemas, por força da abstração e teorização próprias da filosofia, se distanciaram do vivenciado, quando, na verdade, a ética tem a ver com a prática concreta.

Não pretendo negar aqui as virtudes dos sistemas éticos, tais como a ética das virtudes de Aristóteles, a ética cristã de Agostinho ou a ética do dever de Immanuel Kant, mas quero lembrar dos possíveis vícios que elas produziram como, por exemplo, a rigidez, a inflexibilidade ou a a-historicidade que tornaram os sistemas éticos algo construído de forma artificial. Ou seja, as normas éticas, a partir dos sistemas éticos, passaram a funcionar mais como imperativos, algo de obrigatório, do que inspiradores de comportamentos criativos, como o *ethos* e o *daimon* defendem. Nas palavras de Boff:

Quanto mais arquitetônico é o sistema, mais se distancia do *daimon*, até considerá-lo inexistente ou reduzi-lo a um subproduto dos mecanismos de controle psicológico ou do enquadramento social. Mas como o *daimon* é intrínseco ao ser humano (eis sua dimensão ontológica indestrutível), a voz desse anjo bom não deixa de falar. Pode ser confundida com as mil outras vozes dos formuladores, das religiões, das igrejas, dos estados e de outros mestres. Mas ele é soberano e sua voz persiste (2011, pp. 36-37).

As críticas de Boff aqui aludidas não objetivam negar a importância dos sistemas éticos tradicionais. Observo, no entanto, que a preocupação do autor é a de resgatar o bom senso ético presente no *daimon*, de modo a reconstruir os fundamentos da ética e da moral que atendam aos anseios do mundo contemporâneo. Assim sendo, de modo a levar adiante essa questão, farei mais alguns apontamentos acerca da raiz semântica do termo *ethos*, direcionando-o para a proposta de reconstrução dos paradigmas da ética, segundo o autor, a fim de mostrar como este *ethos* se articula com a ideia de alteridade – seguindo, através disso, a minha interpretação da obra supracitada.

Como já mencionei, a raiz genealógica do termo ética é o termo *ethos*. No vocabulário grego, por onde ele surge, *ethos* se expressa com duas grafias diferentes: *ethos* com *eta*, que significa morada humana e caráter; e *ethos* com *épsilon*, que quer dizer costumes, hábitos e tradições (VÁZQUEZ, 2012). A partir dessa polissemia do termo, Boff destaca alguns elementos intrínsecos, alertando principalmente a possibilidade de repensar os fundamentos da ética diante da crise de valores enfrentada atualmente. E, para isso, utiliza-se do *ethos* como

OLIVEIRA, L. R.

procura, como amor, cuidado; do ethos que se responsabiliza, que se solidariza, que se compadece e do ethos que integra.

Mas esses valores ou princípios poderiam fundamentar uma nova proposta para a ética? É sobre isso que tratarei a partir de agora.

3 – O *ETHOS* QUE PROCURA

A ideia de um *ethos como procura* se encontra articulado no pensamento de Platão e Aristóteles, que foram os filósofos que operaram um salto do *daimon* para o *ethos*. Esses autores deram início a uma grande aventura intelectual da filosofia, o que desaguou na concepção de ética como um sistema racional de princípios sobre a conduta humana. Na perspectiva de Platão e Aristóteles, a ética seguiu o destino da razão cuja natureza é a *procura*. Mas o que seria tal ideia da razão que procura? Significa dizer que a razão é a faculdade humana que não se detém diante de nenhuma instância a não seus próprios limites. Sua expressão mais cabal é a da instrumentalidade analítica ao qual o ser humano vem utilizando desde sempre para poder explicar sistematicamente o mundo que o cerca.

A razão instiga a procura, pois ela tem desejo de conhecer os mistérios, o desconhecido. Por meio dela, o ser humano estabelece consensos e limites nas suas ações. A razão é, neste sentido, a faculdade por excelência humana. Entretanto, ao considerá-la como fundamento único da ética, como fez alguns sistemas filosóficos, a filosofia colocou em segundo plano algumas dimensões importantes do *ethos* originário como, por exemplo, o horizonte da transcendência que vem do espírito e de sua obra que é a espiritualidade. Ou seja, excluímos a espiritualidade, que é aquela dimensão da consciência que permite ao ser humano sentir-se parte do todo e identificar um sentido maior de sua existência e de sua curta passagem por este mundo. A espiritualidade é parte da ética no seu sentido original. Sem a espiritualidade, a ética facilmente se transforma em um moralismo e em um legalismo (BOFF, 2011).

4 – O *ETHOS* QUE AMA

Um dos limites do *ethos* que procura consiste em ter reservado pouco espaço para o outro. O paradigma ocidental sempre teve dificuldades com o reconhecimento do outro, principalmente em épocas em que o individualismo e a competitividade se tornaram algo

OLIVEIRA, L. R.

exacerbado, enfraquecendo a ideia de que o ser humano, a identidade, ou o Eu, só se faz na relação com o outro. Negando o outro, perde-se a chance da aliança, do diálogo e do mútuo aprendizado.

Segundo Boff, é na relação com o outro que surge o *ethos* que ama. O paradigma deste *ethos* é o cristianismo das origens. Diferentemente do cristianismo das igrejas, que foi mais influenciado pelos líderes e mestres da igreja, o paradigma do cristianismo histórico encontra unicamente fundamento na mensagem e na prática de vida de Jesus Cristo. O cristianismo de Cristo dá absoluta centralidade ao amor ao outro.

A partir da figura de Jesus Cristo, o amor se torna central. A experiência e prática de vida de Cristo mostrou que, aquele que verdadeiramente ama, não necessita de mais nada. Assim, o *ethos* que ama se expressa na lei maior: “ama ao próximo como a ti mesmo”; “não faças aos outros o que não queres que te façam”. Portanto, o amor é central porque para o cristianismo o outro é central. O *ethos* que ama encontra sentido em atribuir razão à existência. Ele pode responder aos desafios atuais na medida em que entendemos que quem ama cuida, se responsabiliza e se compadece.

5 – O *ETHOS* DO CUIDADO

O *ethos* que ama se complementa com o *ethos* que cuida: quando amamos, cuidamos e, quando cuidamos, amamos. Para Boff, o cuidado deve se estabelecer como uma categoria central do novo paradigma da ética por toda parte do universo. A falta de cuidado, por exemplo, no trato com a natureza e dos recursos escassos, ou a ausência de cuidado em relação ao poder da tecnociência que constitui armas de destruição em massa e de devastação e da própria sobrevivência da espécie humana, está nos levando a um impasse sem precedentes entre o cuidado e a perda: ou cuidamos ou pereceremos.

Segundo Boff (2011), o paradigma do cuidado se desenvolve com uma dupla função: de preservação a danos futuros e de regeneração de danos passados. Assim, o nosso autor entende que o *ethos* que cuida se expressa por um elo fundamental: reforçar a vida, zelar pelas condições físico-químicas, ecológicas, sociais e espirituais que permitem a reprodução da vida e de sua ulterior evolução.

O “*ethos* que cuida” refere-se a uma postura ética que valoriza e promove o cuidado em relação a si mesmo, aos outros seres humanos, à natureza e ao planeta como um todo. É uma

OLIVEIRA, L. R.

ética que reconhece a interdependência de todos os seres e a necessidade de cultivar relações de respeito, solidariedade e responsabilidade. O *ethos* que cuida parte do pressuposto de que somos parte de um todo maior e que nossas ações têm impacto não apenas em nós mesmos, mas também nos outros e no ambiente em que vivemos. Portanto, é necessário agir de forma consciente, levando em consideração as consequências de nossas escolhas e buscando o bem-estar e a preservação do equilíbrio ecológico.

Esse *ethos* também implica em reconhecer o valor intrínseco de cada ser e a necessidade de respeitar sua dignidade. Envolve uma atitude de empatia e cuidado em relação aos outros, promovendo relações de justiça, igualdade e solidariedade. Além disso, implica em uma postura de responsabilidade em relação às gerações futuras, buscando garantir um legado sustentável para as próximas gerações. O *ethos* que cuida é, portanto, a própria ética do cuidado, uma vez que coloca a dimensão do cuidado no centro das reflexões e práticas éticas. É uma abordagem que busca transcender visões antropocêntricas e reconhecer a importância de estabelecer uma relação de harmonia e equilíbrio com a natureza e com os outros seres vivos.

Em suma, o *ethos* que cuida proposto por Leonardo Boff é uma postura ética que valoriza o cuidado, a solidariedade, a responsabilidade e a interdependência, buscando promover relações mais justas, sustentáveis e compassivas entre os seres humanos e na sua relação com o planeta.

6 – ETHOS COMO RESPONSABILIDADE

O *ethos* que procura, dominante no mundo, não tem condições de sozinho fornecer os instrumentos para um salto de qualidade da humanidade. Ele se desmobilizou porque não conseguiu evitar o genocídio dos indígenas, o holocausto nazista, os *gulags* soviéticos, as armas de destruição em massa, as guerras de prevenção recentes e a devastação do modo de produção capitalista com a geração crescente de miséria e exclusão. Entretanto, mesmo em meio a isso, surge sempre uma convicção: ou a civilização toma consciência de sua situação ou o resultado será cada vez pior.

Somos obrigados, desse modo, a desenvolver um *ethos* de ilimitada responsabilidade por tudo o que existe e vive, como condição de sobrevivência da humanidade e de seu habitat natural. Responsabilidade, segundo Boff (2011, p. 51) “é a capacidade de dar respostas eficazes

OLIVEIRA, L. R.

aos problemas que nos chegam da realidade complexa atual. Responsabilidade surge quando nos damos conta das consequências de nossos atos sobre os assuntos da natureza”.

Para Boff, a responsabilidade revela o caráter ético das pessoas. Ela se percebe responsável junto com as forças diretivas da natureza pelo futuro da vida e da humanidade. A responsabilidade é um aspecto fundamental da ética e envolve a consciência e o compromisso de cada indivíduo em relação às suas ações e às suas consequências, uma vez que nos tornamos responsáveis não apenas por nossas escolhas individuais, mas também pelas relações que estabelecemos com os outros seres humanos e com a natureza.

A responsabilidade implica em reconhecer que somos parte de um todo interconectado e que nossas ações têm impacto tanto no ambiente imediato como no mundo em geral. Isso significa que a ética vai além do cumprimento de deveres e normas externas. Ela está relacionada à consciência do sentido mais profundo da nossa existência e do nosso papel como seres humanos no mundo. Implica em agir de acordo com os valores éticos de justiça, cuidado, solidariedade e respeito à dignidade de todos os seres.

Além disso, a responsabilidade para Boff também envolve uma dimensão coletiva. Ele defende a necessidade de uma responsabilidade social, onde as estruturas e instituições da sociedade também sejam responsáveis por promover condições de vida justas, equitativas e sustentáveis para todos os indivíduos. A responsabilidade é, deste modo, um compromisso consciente e ético que cada indivíduo tem em relação às suas ações e às consequências que elas geram. Ela envolve considerar o impacto de nossas escolhas no presente e no futuro, e implica em agir de acordo com valores éticos e em busca do bem comum.

7 – ETHOS ENQUANTO SOLIDARIEDADE

Grande parte da crise que vivemos atualmente se dá em função da falta de solidariedade entre os seres humanos, o que se manifesta pelo egoísmo e pelo individualismo nas relações humanas de modo geral. Aliás, o mundo do trabalho, comércio e do consumo se inscreve nesta ótica. O que, sem dúvidas, potencializa a falta de solidariedade.

Entretanto, apesar da escassa cultura da solidariedade, ela está inscrita, objetivamente, no código de todos os seres humanos. Isso se justifica porque todos somos interdependentes uns dos outros. Coexistimos no mesmo *cosmos* e na mesma natureza com uma origem e com um destino comuns. A lei do universo é a solidariedade. É ela quem torna a ordem e a harmonia

OLIVEIRA, L. R.

possíveis, pois a sua dinâmica é a cooperação. A própria lei da natureza de Darwin, formulada em vista dos organismos vivos, deve ser pensada no interior dessa lei.

Além disso, a solidariedade se encontra na raiz do processo de hominização. Nossos ancestrais, ao saírem para em busca do alimento, não o consumiam individualmente, mas o traziam ao grupo para reparti-lo solidariamente. Foi a solidariedade, portanto, que permitiu o salto da animalidade à humanidade e, conseqüentemente, a criação da sociabilidade que se expressa especialmente pela fala. O *ethos* que se solidariza nos impele ao cuidado dos seres humanos e da natureza como bens preciosos.

O *ethos* da solidariedade refere-se a uma postura ética e moral que coloca a solidariedade como valor central. É um convite a cultivar e praticar a solidariedade em nossas relações com os outros seres humanos e com o mundo ao nosso redor. Esta ideia se fundamenta na compreensão de que somos interdependentes e que a promoção do bem-estar coletivo é essencial para uma sociedade justa e sustentável. Ele enfatiza que a solidariedade implica em reconhecer a dignidade e o valor intrínseco de cada ser humano, estabelecendo relações de respeito, apoio mútuo e cooperação. Além disso, o *ethos* da solidariedade vai além das relações humanas e se estende à natureza e aos demais seres vivos. Boff argumenta que a solidariedade também envolve cuidar do meio ambiente, da biodiversidade e dos recursos naturais, reconhecendo a interdependência entre todas as formas de vida.

Essa postura ética da solidariedade requer uma atenção especial aos mais vulneráveis e excluídos da sociedade, buscando a justiça social e a redução das desigualdades. Boff (2011) destaca a importância de lutar contra injustiças e opressões, promovendo a igualdade de oportunidades e o respeito pelos direitos humanos.

O *ethos* da solidariedade também envolve uma dimensão política, buscando a transformação das estruturas sociais e econômicas que geram exclusão e desigualdade. Ele defende a necessidade de uma solidariedade global, que transcenda as fronteiras nacionais e promova uma cooperação internacional baseada na justiça e na solidariedade entre os povos. A ética, para Leonardo Boff (2011), deve colocar a solidariedade como um princípio orientador das relações humanas e da relação com a natureza. Envolve a promoção do bem-estar coletivo, o respeito à dignidade de todos os seres humanos, a proteção do meio ambiente e a luta pela justiça social. É um convite a cultivar a solidariedade como um valor fundamental para construir uma sociedade mais justa, solidária e sustentável.

8 – O *ETHOS* QUE SE COMPADECE

O que torna o *ethos* algo plenamente humano é a capacidade de o ser humano se compadecer em relação aos seus semelhantes e agir com compaixão. A história humana é marcada pelo sofrimento, tendo, todavia, graus distintos entre os sujeitos. Assim, o *ethos* que se compadecer quer incluir aos que mais sofrem como se fossem a nós mesmo mesmos. Neste *ethos*, a morada do ser é a casa que acolhe a todos e onde as lágrimas podem ser choradas sem vergonha ou enxugadas carinhosamente.

Compadecer, segundo Boff, não é o mesmo que sentir pena da condição do outro, como se fosse alguém distinto de nós. Compadecer é sentir a dor com o outro no sentido de sentir as suas misérias, sendo capaz de sair de si para socorrê-las. Segundo Boff, compadecer envolve solidariedade, cuidado e responsabilidade no envolvimento com o outro.

Para o autor, o *ethos* que se compadecer refere-se a uma postura ética que se baseia na compaixão e na empatia em relação aos outros seres humanos e à natureza. É um convite a desenvolver uma sensibilidade e uma atitude de solidariedade diante do sofrimento e das necessidades dos outros. Isto é parte do reconhecimento de que somos todos seres interligados e que o sofrimento de um indivíduo ou de um grupo afeta a todos nós. É uma ética que busca cultivar a capacidade de se colocar no lugar do outro, de sentir empatia e de agir com compaixão diante do sofrimento alheio. Essa postura ética da compaixão implica em uma atenção especial aos mais vulneráveis e marginalizados da sociedade. Boff enfatiza a importância de agir em solidariedade com aqueles que sofrem injustiças, opressão e exclusão, buscando promover a justiça social e a igualdade de oportunidades.

O *ethos* que se compadecer também se estende à relação com a natureza e com os demais seres vivos. Entendo, deste modo, que Boff argumenta que devemos reconhecer o valor intrínseco de todas as formas de vida e desenvolver uma atitude de cuidado e respeito em relação ao meio ambiente. Isso implica em uma consciência ecológica que se preocupa com a preservação da biodiversidade e com a sustentabilidade do planeta.

Essa ética da compaixão também envolve uma dimensão espiritual, em que o amor e a compaixão são entendidos como princípios fundamentais para a vivência da espiritualidade e para a construção de uma sociedade mais justa e solidária. O *ethos* que se compadecer, portanto, é um convite a cultivar a compaixão como um valor fundamental para promover relações mais humanas, sustentáveis e compassivas.

9 – O *ETHOS* QUE INTEGRA

O *ethos* que integra consiste na capacidade de inclusão de todos na “morada” humana. Trata-se de uma experiência seminal que compreende que todos os seres humanos fazem parte de um todo e que, desse modo, ninguém deve ser excluído da morada, da sociedade, por razão alguma. Segundo Boff, um bom exemplo dessa experiência do *ethos* foi São Francisco que não precisou de uma consciência elaborada para desenvolver uma nova forma de organizar e de encher de valores a morada humana. A novidade de São Francisco foi a irrestrita inclusão de todos, a começar por aqueles que eram mais excluídos como os hansenianos, ou à margem da sociedade como os servos da gleba e os pobres em geral, abrindo-se também para acolher como irmãos e irmãs todas as criaturas, as árvores, os animais, o sol e a lua; numa palavra, o inteiro universo.

Na experiência ética de São Francisco se realizam, de forma eminente, as várias expressões do *ethos* que analisei até aqui. Por meio da ação concreta de homens como São Francisco, é possível perceber por que a ética é de uma ordem da prática e não meramente teórica.

Enfim, o *ethos que integra* para se realizar necessita da expressão do *ethos que procura*, enquanto busca para um caminho civilizatório. Precisa, ainda, do *ethos que ama* como um movimento único de abraço a todos, bem como do *ethos que cuida* como alguém que se preocupa com a situação do outro. Recorre ao *ethos que se compadece*, pois se coloca na mesma condição dos mais necessitados, experimentando, através disso, o sentimento alheio. Afirma o *ethos que se solidariza*, pois está sempre disposto a ajudar, quem quer que seja e, por fim, assume o *ethos que se responsabiliza*, como alguém que não se omite, mas assume para si tanto a responsabilidade do que faz quanto a de ajudar gratuitamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz do que analisei até aqui acerca do pensamento de Boff, já é possível voltar àquela questão inicial sobre a proposta do filósofo de reconstrução dos paradigmas da ética e de como o *ethos* se articula com a ideia de alteridade, segundo a minha interpretação da obra deste autor. Como procurei demonstrar, a reconstrução de um novo paradigma ético perpassa por um resgate da experiência seminal presente tanto no *ethos* original quanto no *daimon*. Se, por um lado, a filosofia tornou a ética uma reflexão racional, as vezes demasiada abstrata, por outro lado não

OLIVEIRA, L. R.

há como negar que o *afeto* é a fonte original da ética e é ele que devemos resgatar para pensar a crise dos valores atual. Na leitura de Boff (2011), a crise cria a oportunidade de irmos às raízes da ética e nos convida a descermos àquela instância na qual se formam continuamente os valores. Isso significa que a ética deve brotar da base última da existência humana.

Nesta leitura, procurei explicar que, em tempos de crise, em que os sistemas filosóficos éticos se encontram inertes (inoperantes ou com pouca efetividade prática), devido a própria complexidade e perplexidade da realidade atual, o *afeto* se torna um elemento fundamental a ser resgatado, pois ele nos coloca diante de uma experiência humana concreta que faz parte de nossa natureza. Resgatar, deste modo, o *ethos* e o *daimon* é resgatar essa dimensão do afeto como experiência vivida que nos possibilita reconstruir as bases da nossa “moradia” enquanto sociedade e vida coletiva, à luz da ideia de uma ética entendida aqui a partir do sentido da procura, do amor, do cuidado, da responsabilidade e da solidariedade que ensina ao ser humano o sentido de se compadecer e de se integrar.

Diante disso, entendo que a *alteridade* ganha destaque na proposta de Boff na medida em que ela traduz, de modo muito concreto, a visão de uma ética pensada no sentimento de afeto do *ethos* e do *daimon* em relação ao Eu e ao outro como fontes desse afeto.

A ideia de alteridade é aquela que expressa a qualidade ou estado do que é outro ou do que é diferente. Um dos princípios fundamentais da alteridade é que o homem na sua vertente social tem uma relação de interação e de interdependência com o outro. Ora, o resgate e valorização do outro é exatamente o ponto central do *ethos* e do *daimon*. Neste sentido, a alteridade, enquanto situação, estado ou qualidade que se constitui através de relações de contraste, distinção e diferença adquire centralidade e relevância ontológica na filosofia de Boff, exatamente porque sua proposta de ética pressupõe uma construção não meramente coletiva, mas um coletivo que seja constituído e que brote no sentimento de compreensão do outro como parte de um todo, de um conjunto.

Entendo, portanto, que *ética da alteridade na perspectiva de Boff* se desenvolve da seguinte maneira: i) resgata a dimensão da importância do outro, ii) recupera o sentimento de afeto presente do *ethos* e no *daimon* como fundamento último dos valores éticos, iii) se ampara em valores como amor, cuidado, solidariedade, responsabilidade, integração etc., que são sentimentos que dão consistência a qualquer modo de pensamento e de conduta para o ser humano.

OLIVEIRA, L. R.

Enfim, *Ética e Moral em Busca dos Fundamentos* é uma obra que explora os fundamentos da ética e da moral, discutindo questões relacionadas à conduta humana e aos valores que norteiam nossas ações diante de um mundo que não atente mais a um paradigma ético, mas enfrenta, diante da crise dos valores, o vazio ético. Diante disso, Boff argumenta que a ética não pode mais ser reduzida a um conjunto de regras ou normas externas, mas deve ser entendida como uma busca interna por um sentido mais profundo de humanidade. Ele defende a ideia de que a ética está enraizada na natureza humana, na nossa capacidade de amar, de sermos solidários e de nos conectarmos uns com os outros e com o mundo ao nosso redor, portanto, no sentimento e na atitude da alteridade que o ser humano é capaz.

Como observei, o autor aborda a importância da ética e da moral nas relações sociais, enfatizando a necessidade de agirmos de maneira responsável e consciente em relação aos outros e ao meio ambiente. Ele destaca a interdependência entre todos os seres vivos e argumenta que a ética deve abranger não apenas os seres humanos, mas também o cuidado com a natureza e com as gerações futuras.

Ética da alteridade, entendida na perspectiva da obra, busca investigar e fundamentar os princípios éticos e morais que devem guiar nossas vidas, enfatizando, sobretudo, a importância do amor, da solidariedade e da responsabilidade em nossas ações, tanto em relação aos outros seres humanos quanto ao nosso ambiente. Deste modo, o filósofo nos oferece uma ótima oportunidade para uma reflexão profunda sobre o significado da ética e seu papel na construção de uma sociedade mais justa e sustentável.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad.: António de Castro Caeiro. São Paulo: Atlas, 2009.
- BOFF, Leonardo. *Ética e moral: a busca dos fundamentos*. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- KANT, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Trad.: Paulo Quintela Col. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- OLIVEIRA, Leandro R. *A anarquia dos valores na perspectiva de Paul Valadier: uma (re)leitura da crítica nietzschiana à tradição moral* (Dissertação de mestrado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, São Leopoldo, RS, 2015.
- TORRES, João Carlos Brum (org.). *Manual de ética: questões de ética teórica e aplicada*. Caxias do Sul, RS: Universidade de Caxias do Sul, 2014.

VALLS, Alvaro. *O que é ética?* 9º ed. São Paulo: Brasiliense, 2013.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. Trad.: João Dell`Anna. 34º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

Informações complementares:

Recebido em: 05 de outubro de 2022

Aprovado em: 15 de maio de 2023

Publicado em: 25 de junho de 2023